





Maria de Jesus na entrada principal da Casa Grande da Roca Sundy, Príncipe, 2005

Foto: Lígia Deus

Maria de Jesus *Trovoada*

TEXTO ANA SOUSA DIAS

DATA DA REPORTAGEM 11/2007

Antropologia Biológica
São Tomé e Príncipe









PROJECTO MALARIA PRINCIPE

Colaboração Centro Nacional de Endemias e Instituto Gulbenkian de Ciências

Internacional do estudo do paludismo no Príncipe

1998 - 2007 Conferência Internacional de Malaria, Patogénese and 'Strategies' de 2007

2008 - 2010 Conferência de Malaria - Conferência de Malaria - Conferência de Malaria



PROJECTO MALARIA PRINCIPE

Colaboração Centro Nacional de Endemias e Instituto Gulbenkian de Ciências

PALUDISMO



Paludismo é uma doença causada por um parasita que se transmite através de um mosquito. É uma das principais causas de morte em muitos países tropicais e subtropicais.



Maria de Jesus Trovoada

/ INSTITUTO GULBENKIAN DE CIÊNCIA, PORTUGAL

TEXTO ANA SOUSA DIAS

Malária, uma palavra que muitas vezes atravessou a vida de Maria de Jesus Trovoada dos Santos, embora ela não se lembre de ter tido a doença. Durante a infância, em São Tomé, a mãe assegurava que os quatro filhos tomavam a dose semanal de resoquina, mais tarde fornecida pela escola. Prolongou a idade das perguntas cujas

respostas trazem mais perguntas: a menina que subia às árvores e corria de bicicleta tornou-se cientista. O acaso levou-a para a Biologia Celular e a Antropologia, temas que se cruzam na investigação da malária que hoje desenvolve com os olhos postos na ilha onde nasceu e para onde quer voltar.

É no Instituto Gulbenkian de Ciência que a conversa se desenrola, com explicações minuciosas de Maria de Jesus quando quer esclarecer um pormenor científico. Uma visita guiada aos laboratórios dá para perceber como os dias se passam entre o computador e a bancada, na equipa coordenada por Carlos Penha-Gonçalves. Inicialmente, não está muito à vontade a conversar, talvez preferisse mostrar o trabalho a alguém que percebesse um mínimo de biologia celular para avançar com maior rapidez. No entanto, nunca foge às perguntas e volta atrás para explicar melhor quando lhe parece necessário. Disfarça a preocupação com as horas que vão passando, porque precisa de ir buscar o filho mais novo à reunião dos escuteiros, mas vai ganhando confiança ao longo da conversa. Está habituada a perder-se nas horas, entregue ao trabalho de laboratório, numa sequência rigorosa e paciente de operações. Percebe-se que esta mulher, nascida em São Tomé no dia de Natal de 1961, gosta muito do que faz.

E nada faria prever esta vida num espaço fechado porque, nos tempos de menina, ela era uma «maria-rapaz» que jogava badmínton na rua, andava de bicicleta e trepava à caramboleira do quintal para

se deliciar com as carambolas maduras. «Andava sempre de calçõesinhos, minha mãe tinha sempre o cuidado de os fazer.» Tinha 8 ou 9 anos quando um acidente a fez escolher um rumo para a vida: o cão que adorava morreu atropelado, e ela decidiu ser veterinária. Ainda hoje não sabe se teria sido melhor seguir este sonho que a vida não deixou concretizar, mas tem a certeza de que não gostaria de ter seguido Medicina como as duas irmãs mais velhas. «Sensibiliza-me imenso o sofrimento, só de pensar que podia alguém morrer, a precisar da minha ajuda e eu sem poder fazer nada... Não conseguiria suportar.»

Maria de Jesus não tem uma memória clara do nascimento da República de São Tomé e Príncipe, a 12 de Julho de 1975, na altura estava em Portugal. «Lembro-me dos preparativos, na altura da revolução, nos meses que antecederam a independência. A minha irmã fazia parte da associação cívica, que mobilizava as pessoas para sessões de esclarecimento. Falou-se muito nessa altura sobre a história da população santomense, houve uma grande procura das verdadeiras raízes. Todos tinham o cuidado de se expressar sempre na língua de São Tomé.» O apelido da cientista revela



Foto: Joana Barros

Maria de Jesus Trovoada no Laboratório de Genética de Doenças, Instituto Gulbenkian de Ciência, 2008

que pertence à família de Miguel Trovoada que assumiu a presidência do primeiro governo de São Tomé independente (1975–1979), e que depois foi eleito duas vezes Presidente da República (1991–2001).

A questão das origens da população do país fez parte das perguntas a que ela procurou responder através da investigação científica, mas esse é um tema que virá mais tarde na conversa. Por agora, ela está a falar de «coisinhas que ficaram» desses tempos de adolescência: «Em nossa casa não falávamos a língua de São Tomé, falávamos só português.»

Recorda um bom mestre de Língua Portuguesa: «Eu tinha uma imaginação muito fértil e o professor, que era português, incentivava imenso a parte criativa. Adorava as suas aulas, inventava histórias, escrevia contos.» Mas gostava mais de Ciências e de Geografia e, sobretudo, estava decidida a ser veterinária e portanto escolheu a área das Ciências.

Viveu até ao fim do ensino secundário na capital santomense, na casa familiar da Rua Padre Martim Pinto da Rocha, com exceção de uma temporada que passou em Lisboa, com a mãe e uma irmã — um ano

que lhe custou particularmente porque, por causa dos desacertos dos currículos, chumbou no 5.º ano na Escola Rainha Dona Leonor, em Alvalade.

Ao contrário do que hoje acontece, não existia ainda ensino superior em São Tomé, era por isso necessário sair do país.

Os três irmãos já tinham vindo para Portugal — as duas raparigas mais velhas para estudar Medicina e o irmão Filosofia. Maria de Jesus casou-se entretanto e foi viver com o marido para Luanda, onde nasceu a primeira filha. Estava em plena gravidez quando recomeçou os estudos mas, ao contrário do que desejaria, não havia curso de Veterinária em Luanda, apenas no Huambo. Angola estava em guerra civil e a jovem mãe não quis sair da capital — inscreveu-se em Biologia, o curso mais próximo do que pretendia, e começou a dar aulas de Ciências da Natureza no Liceu Augusto N'Gangula. «Havia imensas dificuldades, era terrível, as lojas não estavam abastecidas. Para se conseguir qualquer coisa era preciso ficarmos em filas enormes, eu ou o meu marido. Foram tempos muito difíceis... e muito bons, ao mesmo tempo.»